

*De Leandro Durazzo*

fotografar fótons  
na cabeça de um fósforo aceso  
enquanto  
sobre a mesa  
nem ela nem eu mesmo nos dispomos

lavar panos  
lençóis e almofadas ao relento  
ouvir a voz que chama a vizinhança  
seguir a contradança de outro tempo

passar um café fresco ao fim da tarde  
pra nós, pra mim, pra quem seja a visita  
despertar do cochilo  
coçar a vista  
e ver onde se esconde o menino

encher filtro de barro  
garrafinhas  
água que vai já pra geladeira  
catar fruta madura, pitangueira  
amora, umbu, cajá, banana e pinha

saber que horas são sem que se saiba  
sem que se  
veja  
sem que precise  
precisar horas  
em um relógio, qualquer ponteiro

e contemplar a chama  
fogareiro  
e contemplar a noite  
casa acesa

façamos  
um acordo  
o mundo já vai torto  
demais  
já muito triste o mundo vai  
todo esquisito  
o mundo se arrasta  
o mundo humano  
se arrasta  
e mal recolhe o lixo pela casa  
o mundo todo  
então façamos  
por favor  
mais um acordo

não contribuamos com  
o lodo

Teu nome foi meu mantra, Florine. Florine. Espírito de um tempo. Teu nome foi a ponta do pensamento, a ponta que puxou tudo, que conduziu meus dias, teu nome foi meu mantra, Florine, já faz um tempo, agora não. Agora, quando aparece, é pedaço de oração para outro tempo, pedaço de retrocesso. É como varrer o chão, teu nome, meu nome, tudo. Sempre há poeira nos cantos, sempre um caco de vidro, um grampo em papel antigo, sempre o que varrer. É como varrer o chão, juntar o pó, teu nome, uma oração, espírito de um tempo que não. Demoro mais a sair dele do que o tempo que aí fiquei. Não me parece agradável, certo, saudável nem nada disso, mas agora percebo o que não percebi nesse tempo ido, nesse último ano, nos doze meses de fuga do desengano. De um atrás do outro. Teu nome, meu mantra, quebrou como se quebraram os vasos do meu avô. A memória de minha avó. Meu contato com os meus pais. A tranquilidade. O salário de minha irmã, quebrou. Teu nome, meu mantra, meu ano, esses meses de tempo escorrido, tudo isso se viu partido enquanto meu pé andou. Procurando um outro passo, procurando um outro porto, procurando fugir da neve, procurando fugir do fogo, teu nome, meu mantra. Repetição. Num dos poemas desse tempo, Florine, num dos poemas desse tempo - porque os poemas desse tempo, algumas das narrativas, Ana, Maria, minha esquizofrenia, válvula de escape, minha arte de não fazer - num dos poemas desse tempo eu dizia, se bem me lembro, que me espanta o espanto de

estar por aqui/ sabendo que um dia morri/ e hoje canto. Escrevi mas não dei atenção, eu não me entendi. Escrevi no meio da dor. Mas a dor, nesse agora, acabou. E então consegui perceber que, estando aqui - onde quer que este aqui seja - que estando aqui, que cantando, mesmo depois de morto, que estar por aqui não dizia que eu, outra vez, revivia. Cantava de um outro canto, sete palmos de terra levando o som dessa minha voz. Agora que a dor acabou, agora que parece ter acabado, eu falo mais baixo. Ter morrido e estar deitado naquele tempo que já se foi, reconhecer esse ter morrido e estar deitado naquele tempo que já se foi. Reconhecer. Repetição. Teu nome na ponta de um outro mundo. Teu nome são e salvo em outro mundo. E o meu, não. O meu, agora, depois de morto, olhando tudo. Agradecendo esses doze meses de danação, de corrida russa, de valsa turca, de perdição. Reconhecer. Morte e repetição. Recomeço, renascença, espaço desmesurado para que eu possa errar de novo. Teu nome, meu mantra, um rogo.

## REGRAS PARA UMA BOA REPARAÇÃO AO RENASCIMENTO

force-se até explodir  
saiba os limites do caminho  
force-se até sair das possibilidades  
até superá-las  
até dar a volta na eternidade em cinco ou sete horas  
force-se até explodir  
exploda  
recolha os cacos, os pedaços possíveis  
deixe alguns no solo, no vento, para que se espalhem  
para que adubem outras terras, pensamentos  
recolha os cacos e se cole

certo ele que sabe acalmar  
mesmo tendo passado por noites sem teto  
infartos, mordidas de sucuri que não tragaram  
seus ossos até o inferno, certo ele que  
ouviu o cintilar de estrela e água, que se atirou  
por entre a mata na procura do que não acha  
estando em pé, estando em coma, estando atrás do que  
não se encontra  
em lugar nenhum  
certo ele que se arremete na madrugada  
com as mãos dadas  
com filho eterno  
co'abençoada  
dos olhos férteis das águas claras  
certo o relógio biológico da casa armada em pés descal-  
ços  
o coração no alvo e a flor aberta  
certo ele, certa

[para José Juva e Luanda Andrade e o moleque de quem  
inda não sei o nome]

Toma tenência, Leandro, toma tenência. Tem um quê de um monte de coisa que tu vai deixando passar, vai se esquivando, fingindo que aguenta, até que aguentando, mas toma tenência, que vem que uma hora a carga todinha que não foi embora te pega no susto, te engole no espanto, te arrebatava o respirar. Toma tenência, Leandro, toma tenência antes que te badale o sino e te dobre as horas. Aprende a ficar no ficar, a ir no ir embora, aprende a seguir feito árvore que não se apavora. Toma juízo, moleque, toma cuidado.

---

LEANDRO DURAZZO (SÃO PAULO) - Tradutor e escritor. Autor de *Gestão de Orfeu: profecia e transcendência na poesia de Jorge de Lima* (ensaio, Ed. Multifoco, 2013). Escreve em <http://miseramesa.blogspot.com> e traduz em <http://transcriacao.blogspot.com>. Email: [leandrodurazzo@gmail.com](mailto:leandrodurazzo@gmail.com). Estes textos vão ao passado.